

Concepciones históricas y teóricas sobre resiliencia en el trabajo: una revisión integrativa de la literatura sobre el tema

Thaís Cristine Farsen¹

Aline Bogoni Costa

Narbal Silva

Resumen

La noción de resiliencia en el trabajo ha sido adoptada con la intención de esclarecer las formas subjetivas de lidiar con los cambios, rupturas y oportunidades presentes en los contextos contemporáneos de trabajo y de organizaciones. El presente artículo busca responder la siguiente pregunta: ¿cómo los autores de publicaciones nacionales e internacionales caracterizan históricamente el constructo resiliencia en el trabajo y cuáles son las comprensiones sobre el tema utilizadas por ellos? En este sentido, se utilizó el método de revisión integrativa iniciando la búsqueda de las publicaciones en las bases de datos nacionales e internacionales entre el periodo de 1994 a 2015 que totalizaron 316 publicaciones científicas de las cuales 25 fueron seleccionadas y analizadas. La categorización y análisis de estas publicaciones contempló informaciones referentes a las comprensiones etimológicas y al origen científico, además de identificarlas definiciones constitutivas del tema. Se presentan construcciones teóricas y un panorama conceptual sobre resiliencia en el trabajo importantes para la comprensión científica del fenómeno y el desarrollo de investigaciones futuras.

Palabras claves: Resiliencia - Publicaciones - Psicología - Trabajo - Organizaciones

Concepções históricas e conceituais sobre resiliência no trabalho: uma revisão integrativa da literatura sobre o tema

Resumo

A noção de resiliência no trabalho tem sido adotada com o intuito de esclarecer os modos subjetivos de lidar com mudanças, rupturas e oportunidades presentes nos contextos contemporâneos de trabalho e das organizações. O presente artigo buscou responder à seguinte pergunta: como os autores de publicações nacionais e internacionais caracterizam historicamente o constructo resiliência no trabalho e quais as compreensões sobre o tema utilizadas por eles? Nesse intuito, utilizou-se o método de revisão integrativa, partindo-se da busca por publicações em base de dados nacionais e internacionais no período de 1994 a 2015, que totalizaram 316 publicações científicas, das quais foram selecionadas e analisadas 25. A categorização e a análise dessas publicações contemplaram informações referentes às compreensões etimológicas e à origem científica, além da identificação de definições constitutivas do tema. Apresentam-se construções teóricas e um panorama conceitual acerca da resiliência no trabalho, importantes à compreensão científica do fenômeno e ao desenvolvimento de estudos futuros.

Palavras-chave: Resiliência - Publicações - Psicologia - Trabalho - Organizações

Historical and theoretical conceptions about resilience at work: a literature integrative review of the issue

Abstract

The concept of resilience at work has been adopted so as to clarify the subjective ways of dealing with the present changes, disruptions and opportunities in the contemporary working and organizational contexts. The present article tries to answer the following question: how do the authors of national and international publications historically characterize the resilience construct at work and what do they understand about it? In this sense, the integrative

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: thais.farsen@gmail.com

review method, by searching for the 316 scientific publications in the international and national database from 1994 to 2015 and then selecting and analyzing 25 of them all, was used. The categorization and analysis of these publications comprehended the information regarding the etymological meaning and the scientific origin together with the identification of the constitutive subject-matter definitions. Theoretical notions and an overview of resilience at work important to the scientific understanding of the phenomenon and the future research development are introduced.

Keywords: Resilience - Publications - Psychology – Work - Organizations

Introdução

Resiliência no trabalho: localizando o tema

A palavra resiliência vem do latim *resilo*, *resilien*, *resilire*, expressões que significam voltar atrás ou voltar à posição original, relacionando-se à qualidade de retomar uma forma anterior (Brandão, Mahfoud & Gianordoli-Nascimento, 2011; Martins, 2015; Meneghel, Salanova & Martínez, 2013; Yunes, 2003). Em grego, resiliência relaciona-se às expressões *kouphós* e *hygrós*, com significado de luz que se reflete e aquilo que se dobra (Dicionário Etimológico, 2015).

Embora a adoção do termo resiliência vinculado ao trabalho faça parte de um movimento recente na Psicologia, a palavra, em sua origem arcaica, era referendada em descrições na Língua Portuguesa que expressavam o retorno à posição de equilíbrio e a recuperação pessoal diante de situações difíceis (Nascentes, 1955), ou seja, referendavam questões subjetivas e comportamentos humanos. Em inglês, *resilience* é um termo mais utilizado nas ciências sociais e humanas do que nas ciências exatas (Brandão et al., 2011). Yunes (2001) menciona que, na língua inglesa, historicamente, aplicam-se duas formas de entendimento ao constructo: refere-se à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças e/ou dificuldades individuais; e, ainda, à habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida, o que significa flexibilidade. Tais acepções relacionam-se ao significado dado ao fenômeno na atualidade e permitem verificar que este continuou alinhado às suas perspectivas iniciais.

A origem dos estudos sobre resiliência em Psicologia vincula-se ao âmbito da Psicologia do Desenvolvimento, que buscava entender a gênese e o desenvolvimento de psicopatologias, especialmente junto a crianças e jovens em situação de risco (Martins, 2015; Meneghel et al., 2013; Snyder & Lopez, 2009).

Tais estudos pretendiam verificar quais recursos sociais e físicos esses grupos possuíam, para que fosse possível compreender como lidavam com situações adversas sem desenvolver nenhum tipo de prejuízo ou, ao contrário, tornando-se mais fortalecidos após experimentarem situações psicologicamente adversas (Martins, 2015; Snyder & Lopez, 2009).

A capacidade humana de se manter saudável, mesmo em ambientes psicossociais de risco, foi compreendida inicialmente por alguns pesquisadores como um “superpoder”, por vezes inato, ou como uma característica extraordinária de personalidade, sendo que, até por volta dos anos de 2000 os termos invulnerabilidade e invencibilidade eram recorrentes para explicar o significado de resiliência (Pereira, 2001). Contudo, pesquisadores como Constantine, Bernard e Diaz (1999), Masten (2001), Yunes (2003) e Meneghel et al. (2013), desmistificaram essa visão por meio de suas investigações científicas, nas quais esclareceram a resiliência como um processo psicológico construído a partir das relações entre o indivíduo e o meio, não sendo possível relacioná-la somente com características inatas.

O foco dos estudos sobre a resiliência de crianças e jovens manteve-se até a década de 1990, a partir daí foram iniciados estudos sobre resiliência na vida adulta (Bonanno, 2004, 2005), e mais recente, após o ano 2000, o interesse voltou-se à investigação e à aplicação do conceito em diferentes âmbitos sociais, como nas comunidades e nas organizações (Martins, 2015; Tavares, 2001; Yunes & Szymanski, 2001). Nesse contexto específico, fortaleceram-se compreensões de resiliência como a de Sutcliffe e Vogus (2003), entendendo-a como um processo capaz de permitir às pessoas e aos grupos evitarem tendências não adaptativas e enfrentarem os eventos inesperados ou adversos de maneira positiva. Na mesma direção, Meneghel et al. (2013) conceberam resiliência como a realização e a conservação da adaptação positiva às situações adversas.

Em relação ao trabalho e às organizações, o estudo da resiliência é recente e escasso, quando comparado às

investigações do fenômeno em contextos relacionados ao desenvolvimento humano, como, por exemplo, as já mencionadas pesquisas com crianças, adolescentes e famílias (Carvalho, Teodoro, & Borges, 2014; Luthans, Youssef, & Avolio, 2007; Martins, 2015; Siu et al., 2009). A primeira compreensão específica sobre resiliência no trabalho foi apresentada por Mallak (1998), que a definiu como uma competência que possibilita ao trabalhador delinear e implementar rapidamente comportamentos adaptativos positivos, que respondam às adversidades enfrentadas no trabalho.

Embora a contribuição de Mallak (1998) constitua-se como um marco no estudo do constructo, Martins (2015) argumenta que o fenômeno passou a ser estudado com maior recorrência a partir da proposição teórica de Luthans, Luthans e Luthans (2004) sobre Capital Psicológico Positivo, conceito que foi desenvolvido a partir dos pressupostos do Comportamento Organizacional Positivo, que engloba fenômenos como otimismo, autoeficácia, esperança e resiliência (Youssef & Luthans, 2007). Percebe-se que o interesse pelo estudo sobre resiliência no trabalho é novo e mesmo que tenha aumentado nos últimos anos ainda são evidenciadas confusões teóricas acerca do conceito que precisam ser esclarecidas na literatura.

O incurso na literatura permite verificar que existem semelhanças na compreensão da resiliência com outros fenômenos relacionados ao trabalho, a exemplo do estresse e das estratégias de enfrentamento (*coping*). Essas semelhanças são maiores no que se refere a origem e historicidade do termo estresse, uma vez que também advém da Física onde tem o significado de apertar, comprimir, restringir, além de traduzir o grau de deformidade sofrido por um material quando submetido a um esforço ou tensão (Zanelli, 2015). No entanto, a semelhança do conceito de estresse com o de resiliência tem sido reforçada somente no que se refere a uma das formas de estudá-lo, na qual se atentam às estratégias de enfrentamento ou *coping*. O uso dessas estratégias tem como objetivo a diminuição de emoções negativas e de conflitos causados pelo estresse (Vandenbos, 2010). Desse modo, embora o conceito de *coping* relacione-se à resiliência por se tratar de estratégias individuais utilizadas para lidar com situações estressantes, considera-se importante compreendê-los como distintos. A este respeito, Martins (2015) afirma que a literatura recente esclarece as diferenças entre os constructos, considerando que ambos sejam

complementares e podem auxiliar na construção de organizações mais saudáveis e favorecer a saúde e o bem-estar dos trabalhadores.

Por meio desse apanhado histórico e teórico sobre resiliência no trabalho, observa-se que o interesse pelo tema é recente e os aspectos constitutivos acerca do fenômeno, como a sua definição e características, estão em construção e apresentam certas contradições em nível teórico. Desse modo, considerando-se a importância da resiliência, a pergunta de pesquisa que se buscou responder com a presente revisão integrativa foi: como os autores de publicações nacionais e internacionais caracterizam historicamente o constructo resiliência no trabalho e quais as compreensões sobre o tema utilizadas por eles?

Método

Este estudo de abordagem qualitativa orientou-se por uma revisão integrativa da literatura. Tal método contribui para o processo de sistematização e análise de um determinado tema, reunindo compreensões mesmo em estudos independentes (Ganong, 1987). Assim, preza pela revisão crítica, análise e síntese de toda a literatura de um constructo, possibilitando que novos *frameworks* (quadros conceituais) e outras perspectivas sobre o tema sejam elaborados (Torraco, 2005).

Desse modo, a revisão integrativa permite uma leitura geral da literatura sobre determinado tópico, por meio da qual é possível localizar o constructo e compreender a sua maturidade conceitual. Cabe ressaltar que para a realização de uma revisão integrativa é preciso orientar-se pela capacidade desta ser replicável e oferecer resultados transparentes, utilizando-se de procedimentos sistematizados de coleta e análise de dados, os quais estão detalhados a seguir.

Estratégias de coleta e seleção dos artigos

A coleta dos dados referentes às publicações sobre resiliência no trabalho ocorreu por meio de buscas sistemáticas realizadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no primeiro semestre de 2016. Conforme Meirelles e Machado (2007), o portal CAPES proporciona à comunidade científica o acesso à versão eletrônica dos principais periódicos científicos. No momento da pesquisa, o portal indexava mais de

200 bases de dados nacionais e internacionais, o que caracteriza as buscas como abrangentes.

As buscas foram delimitadas ao período compreendido entre 1994 e 2015, sendo realizadas em duas etapas. Na primeira, foi priorizada a produção científica nacional, por meio da utilização dos descritores em português: “resiliência” and “psicologia” and “trabalho”. A segunda busca priorizou a produção científica internacional, na qual foram utilizados os descritores no idioma inglês, “*resilienc**”, com operador booleano “*” (asterisco) retornando as variações “*resilience*” e “*resiliency*” (formas como o termo aparece no referido idioma), and “*psychology*” and “*work*”.

O ano de 1994 foi escolhido com o objetivo de realizar um recorte aproximado de vinte anos de produção científica e, ainda, para verificar a existência de produções anteriores a Mallak (1998), que pudessem ter sido indexadas posteriormente aos estudos que colocam o autor como referência inicial no tema. A escolha dos idiomas baseou-se em três aspectos. O primeiro relacionado ao domínio dos autores na leitura e interpretação das publicações nesses idiomas; o segundo, ao fato de que os descritores em português permitem o resgate e mapeamento de publicações produzidas no Brasil, país de origem dos autores pesquisadores e; o terceiro aspecto, por sua vez, relacionou-se à abrangência da língua inglesa, idioma considerado universal e que permite o resgate de publicações do mundo inteiro, visto que as normas de publicação em periódicos tendem a solicitar título, resumo e palavras-chave nesse idioma, possibilitando ampliar o panorama das publicações internacionais acerca do tema.

A aplicação de filtros aos descritores em português e em inglês tiveram o intuito de refinar os resultados das buscas e direcioná-las ao constructo em estudo. Dessa forma, no campo “tipo de recurso” optou-se por “artigos”; no campo “idioma” escolheu-se “português” e “inglês”, além de refinar a busca optando-se pelo “nível superior” de publicações, no qual se enquadram os artigos indexados em “periódico revisado por pares”; e no campo “data”, optou-se pelo resgate de artigos publicados entre 1994 e 2015, demarcando o período aproximado de vinte anos de produções.

Na busca pelos descritores em inglês foram aplicados os mesmos filtros detalhados anteriormente, além do filtro referente às bases de dados no campo “coleção”, optando-se por duas bases: a *Web of Science*, na sub-base *Social Science Citation Index* (SSCI), nas quais

estão indexados os periódicos da área da Psicologia e a *PsyArticles*. A escolha por essas duas bases deu-se devido a sua representatividade no meio acadêmico e às evidências percebidas em levantamentos bibliográficos anteriores de publicações relevantes sobre o tema. A busca realizada com os descritores em português resultou em 98 publicações e a busca realizada com os descritores em inglês, retornou 218 publicações, totalizando 316 publicações.

Procedimentos de análise

Após a consolidação da busca, efetuou-se leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave das 316 publicações. Aplicaram-se critérios de exclusão às publicações repetidas e àquelas que não apresentavam relação central com o tema resiliência no trabalho. Tal procedimento resultou na exclusão de 291 artigos, restando 25 publicações, 11 artigos nacionais e 14 internacionais, posteriormente categorizados e analisados. Realizou-se então a leitura integral, análise e síntese sistematizada das publicações incluídas na amostra.

Para a análise foram extraídas as definições de resiliência no trabalho presentes em cada artigo, explorando-se a compreensão dos autores sobre o fenômeno, a perspectiva epistemológica utilizada, bem como os dados referentes a apresentação histórica do constructo. Os trabalhos foram agrupados de acordo com a sua origem (nacional ou internacional) e com o apoio da ferramenta *Excel*, do *Microsoft Office*, as publicações foram categorizadas e analisadas.

Resultados

Fizeram parte dessa revisão integrativa 25 estudos, a caracterização desses estudos no que se refere ao tipo de pesquisa, ao método empregado, ao público pesquisado e à compreensão sobre resiliência no trabalho utilizada é apresentada a continuação.

Fonte: elaborado pelos autores com base nos artigos que fizeram parte da amostra

Os dados apresentados na Tabela 1 demonstram que, dos 25 estudos analisados, dezoito (72%) delinearam-se como estudos empíricos e sete (28%) como estudos teóricos. Dentre os estudos empíricos, sete utilizaram a abordagem qualitativa, seis a quantitativa, três se propuseram a realizar a validação de instrumentos de medidas e dois utilizaram a abordagem

Tabela 1. Caracterização geral dos estudos da revisão

Autores	Tipo de Pesquisa	Método	Público pesquisado	Compreensão sobre resiliência no trabalho
Wanberg & Banas (2000)	Empírica	Quantitativo	Trabalhadores de diversas áreas	Está associada à autoestima, ao otimismo e à percepção de controle sobre as situações da vida.
Meek, et al. (2003)	Empírica	Misto (quanti-quali)	Membros do clero	É constituída por meio da fé em dias melhores, na crença pessoal de que o trabalho faz o bem e proporciona saúde às pessoas.
Luthans, et al. (2007)	Empírica	Validação de Instrumento de Medida	Diverso	É tratada como um componente do Capital Psicológico Positivo, a capacidade de “voltar para trás” quando deparado com alguma adversidade.
Ablett & Jones (2007)	Empírica	Qualitativo	Trabalhadores da área da Saúde	Pessoas resilientes mantêm uma sensação de bem-estar e são mais propensas a trabalhar na área da saúde com cuidados paliativos.
Youssef & Luthans (2007)	Empírica	Quantitativo	Trabalhadores de indústrias	Se caracteriza pela capacidade de se recuperar de eventos prejudiciais que consistem em adversidades, falhas, conflitos e até eventos positivos que envolvam progresso ou maior responsabilidade.
Barlach, et al. (2008)	Empírica	Qualitativo	Executivos	Refere-se à “existência ou à construção de recursos adaptativos, de forma a preservar a relação saudável entre o ser humano e seu trabalho em um ambiente em transformação, permeado por inúmeras formas de rupturas” (p.104).
Howard (2008)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	Os autores não apresentam uma concepção específica sobre resiliência, apenas investigam estratégias para o seu desenvolvimento.
Siu et al. (2009)	Empírica	Misto (quanti-quali)	Trabalhadores da área da Saúde	É apresentada a definição de Luthans (2002), que trata a resiliência no trabalho como a capacidade psicológica positiva para se recuperar da adversidade, da incerteza, do conflito, da insuficiência ou mesmo de uma mudança positiva, progresso e aumento da responsabilidade.
Libório & Ungar (2010)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	A resiliência no trabalho infantil se caracteriza pela capacidade que permite às crianças o desenvolvimento de uma identidade positiva, de relações seguras etc.
Resende et al. (2010)	Empírica	Quantitativo	Idosos	É um processo individual no qual cada pessoa desenvolve a sua forma de lidar com as dificuldades ao longo da vida.
Belancier i et al. (2010)	Empírica	Quantitativo	Trabalhadores da área da Saúde	Para ser resiliente as emoções precisam ser expressas de maneira adequada, sejam elas positivas ou negativas.
Ribeiro et al. (2011)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	Compreendem que o indivíduo resiliente se coloca como protagonista de sua existência, mas que em muitas situações a resiliência pode prejudicar a saúde mental do trabalhador.
Carvalho et al. (2011)	Empírica	Quantitativo	Servidores públicos	Apontam que seis fatores influenciam na resiliência no trabalho: a percepção de si mesmo; o futuro planejado; a competência social; o estilo estruturado; a coesão familiar e os recursos sociais.

Continuación tabla 1

Rowe et al. (2011)	Empírica	Quantitativo	Docentes do ensino superior	Corresponde a capacidade de superar todos os problemas profissionais e ainda perceber que continuar atuando na docência do ensino superior é recompensador.
Fletcher & Sarkar (2012)	Empírica	Qualitativo	Esportistas olímpicos	É um traço de personalidade que atua na manutenção do funcionamento saudável do indivíduo.
Burnes et al. (2012)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	É um dos fatores que permitem que o indivíduo se mantenha saudável e seja capaz de buscar e receber assistência formal (assistência médica e jurídica) e informal (apoio emocional da família e dos amigos).
García & Calvo (2012)	Empírica	Quantitativo	Trabalhadores da área da Saúde	Os enfermeiros mais resilientes demonstram poucos sinais de exaustão emocional, pois aprendem a superar dificuldades e desenvolver mecanismos de enfrentamento para lidar com o estresse.
Fletcher & Sarkar (2013)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	É vista como uma dimensão importante à vida humana, que precisa ser desenvolvida com outras características pessoais.
Santos & Moreira (2014)	Empírica	Qualitativo	Trabalhadores da área da Saúde	É a capacidade de enfrentar dificuldades envolvidas no cuidado à vida e no processo de morte resultante de doenças crônicas.
Minello e Scherer (2014)	Empírica	Qualitativo	Empreendedores	Relaciona-se ao estilo de enfrentamento ou mecanismo de defesa de atuação de um indivíduo, que lhe confere o (des)equilíbrio diante de situações de adversidade.
Carvalho et al. (2014)	Empírica	Validação de Instrumento de Medida	Servidores públicos	Depende dos riscos presentes no meio organizacional; dos mecanismos de proteção individuais; das condições do meio (suporte social dos colegas de trabalho, do suporte organizacional) e do apoio dos familiares.
Yuen et al. (2014)	Empírica	Qualitativo	Trabalhadores do sexo	Não apresentam uma compreensão clara, mas indicam que a resiliência no trabalho das profissionais do sexo foi impulsionada e mantida pelo suporte da comunidade, família e amigos.
Gomide Júnior, et al. (2015)	Empírica	Validação de Instrumento de Medida	Trabalhadores de diversas áreas	É um antecedente do bem-estar no trabalho, conferindo o caráter de ajustamento e adaptação.
Robertson et al. (2015)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	Não apresenta uma compreensão específica sobre o fenômeno, mas discute que programas de treinamento de resiliência podem ter consequências benéficas para a saúde mental e bem-estar subjetivo dos trabalhadores.
Rees et al. (2015)	Não Empírica	Teórico	Sem público - teórico	É um constructo multidimensional composto por outras variáveis, como o neuroticismo, a atenção plena, a autoeficácia e o <i>coping</i> .

de métodos mistos para realizarem suas pesquisas. No que se refere às amostras dos estudos empíricos, evidencia-se que elas foram diversificadas, sendo a mais prevalente a de trabalhadores da área de saúde. Outras categorias ocupacionais específicas também foram pesquisadas, como por exemplo trabalhadores do sexo, servidores públicos,

docentes de nível superior e trabalhadores da indústria. O fato de 72% dos artigos resgatados pela busca serem empíricos permite inferir à necessidade de que os autores apresentem conceitualmente o que consideram resiliência no trabalho. Além disso, cerca de 92% dos artigos foram publicados após 2007 o que denota a jovialidade do

constructo e reforça ainda mais a necessidade de localização histórica e conceitual a seu respeito.

No que se refere à origem etimológica da resiliência no trabalho apresentada pelos pesquisadores e a origem histórica do fenômeno evidenciou-se que, dos 25 artigos analisados, apenas 5 (20%) apresentaram aspectos sobre a etimologia da palavra (Barlach et al., 2008; Meek et al., 2003; Ribeiro, Mattos, Antonelli, Canêo & Goulart Júnior, 2011; Robertson, Cooper, Sarkar & Curran, 2015; Santos & Moreira, 2014) e 7 (28%) sobre a origem histórica do fenômeno na ciência (Barlach et al., 2008; Belancieri et al., 2010; Carvalho et al., 2014; Meek et al., 2003; Resende et al., 2010; Ribeiro et al., 2011; Robertson et al., 2015; Santos & Moreira, 2014). Assim, identificou-se que em 80% dos artigos analisados não houve referências ao resgate etimológico e em 72% não há dados relacionados à origem científica do fenômeno.

No caso dos estudos que detalharam os aspectos etimológicos sobre resiliência (Barlach et al., 2008; Meek, et al., 2003; Ribeiro et al., 2011; Robertson et al., 2015; Santos & Moreira, 2014), verificou-se consenso quanto à compreensão de que resiliência deriva do latim *resilio*, *resilire* ou *resilien*, que significa voltar atrás ou retornar à posição original, estando relacionada à qualidade de retomar uma forma anterior após ter sofrido uma tensão. Nessas publicações, foram explicitados os significados conferidos à resiliência (psicológica) e também foram estabelecidas delimitações na elaboração de instrumentos e análises adotadas nas pesquisas realizadas.

As pesquisas anteriormente citadas, aliadas as de Fletcher e Sarkar (2013) e Carvalho et al. (2014), totalizam 7 que vinculam o conceito de resiliência, com origem na Física e nas Engenharias. Este dado demonstra que outras áreas do conhecimento, como é o caso da Psicologia, passaram a se interessar pelo fenômeno, levando em conta compreensões etimológicas e características do fenômeno em seus objetos de estudo. A esse respeito, alguns autores vinculados à Psicologia compreendem que o conceito de resiliência tem origem nas ciências exatas, especificamente na Física, cujo significado é a capacidade que um material possui de após uma tensão retornar ao seu estado normal de equilíbrio (Martins, 2015; Meneghel et al., 2013; Yunes, 2003). Há, no entanto, controvérsias acerca dessa origem, devido à pouca utilização do termo nas ciências exatas, o que a faz ser compreendida como uma palavra com significado mais apropriado às ciências sociais e humanas (Brandão et al., 2011).

Brandão et al. (2011) argumentam que o

significado da palavra na Física pode e deve ser transposto às ciências humanas e sociais, por meio de pesquisas que “deveriam investigar o quanto as pessoas suportam de pressão, ou de estresse, antes de apresentarem abalo psicopatológico irreversível” (p. 264). Os autores ainda mencionam que se o objetivo fosse verificar como as pessoas se recuperam ou se transformam após serem submetidas às situações de pressão, as pesquisas tratariam da elasticidade (psicológica) humana e não de resiliência. Sobre os aspectos históricos evidencia-se também certas relações com o estresse, uma vez que sua origem também advém da física e o seu significado traduz o grau de deformidade sofrido por um material quando submetido a um esforço ou tensão (Zanelli, 2015). Uma reflexão possível a partir disso, seria de que a resiliência e o estresse estão intimamente relacionados, pois, para que haja resiliência, é necessário haver estresse.

Em termos físicos, pode-se inferir que, primeiro, há o estresse (deformação do material) e depois vem a possibilidade de o material retornar a sua posição original (resiliência), ou não. No entanto, vale ressaltar as limitações e cuidados com as aproximações do conceito de resiliência e estresse, conforme apresentou-se na introdução deste trabalho.

Nessa direção, percebe-se que a partir da ausência de delimitação e discussão etimológica, a compreensão conceitual utilizada em alguns estudos aparece de maneira inadequada e confusa. Por se tratar de um constructo novo, a ausência de localização etimológica e discussão histórica pode dificultar a caracterização do fenômeno e, de modo decorrente, implicar certa dificuldade na delimitação e na orientação teórica à realização dos estudos, fato que pode estar relacionado à diversidade e às contradições acerca da compreensão do fenômeno. Isso é ainda mais grave quando os estudos se propõem a construir instrumentos de medida ou a validá-los, nesses casos é indispensável a delimitação de uma definição clara sobre o constructo, normalmente chamada de definição operacional (Pasquali, 2010).

Quanto às compreensões sobre resiliência utilizadas pelos autores em suas publicações, evidenciou-se que em oito (32%) foram apresentadas definições claras sobre o conceito de resiliência no trabalho (Barlach et al., 2008; Carvalho et al., 2014; Gomide Júnior et al., 2015; Luthans et al., 2007; Ribeiro et al., 2011; Siu et al., 2009; Wanberg & Banas, 2000; Youssef & Luthans, 2007). Nesse enfoque, os significados conferidos ao conceito convergem à ideia da resiliência como uma

adaptação positiva às adversidades encontradas no contexto de trabalho, cujo papel central é a manutenção da saúde e a promoção de bem-estar do trabalhador. A definição utilizada por Youssef e Luthans (2007) apresenta ainda um aspecto interessante, ausente nas demais publicações analisadas, a possibilidade de se recuperar também de eventos positivos, como o progresso e o aumento da responsabilidade.

No que se refere às publicações nacionais, evidenciou-se que o estudo de Barlach et al. (2008) pode ser considerado central ao trazer clareza e objetividade à compreensão do significado de resiliência no trabalho. O conceito apresentado pelos autores orientou diversas pesquisas realizadas sobre o tema no Brasil, sendo referenciado em 3 dos 11 estudos analisados (Carvalho et al., 2014; Gomide Júnior et al., 2015; Ribeiro et al., 2011). Das 14 publicações internacionais, 4 apresentaram o constructo resiliência no trabalho com definições vinculadas à capacidade adaptativa que permite aos trabalhadores a recuperação frente a eventos prejudiciais nos contextos laborativos onde estão inseridos.

Essas compreensões conceituais apresentadas pelos autores de 32% das publicações analisadas (4 nacionais e 4 internacionais) podem ser consideradas definições constitutivas, entendidas como as definições elaboradas a partir da análise de diversos conceitos, contando com uma base ampla de consulta sobre tema. Em relação a isso, pode-se afirmar que 32% é um percentual relativamente baixo, tendo em vista que os demais estudos também têm a resiliência como tema central, embora este não tenha sido claramente conceituado. Além disso, das oito publicações que apresentaram claramente o que consideram por resiliência no trabalho, sete foram empíricas, sendo três estudos de validação de instrumento de medida (Carvalho et al., 2014; Gomide Júnior et al., 2015; Luthans et al., 2007), dois de método quantitativo (Wanberg & Banas, 2000; Youssef & Luthans, 2007), um de método qualitativo (Barlach et al., 2008), um de método misto (Siu et al., 2009) e um estudo teórico (Ribeiro et al., 2011).

Os estudos que tiveram como enfoque a validação de instrumentos de medidas ou os estudos de métodos quantitativo e misto, principalmente, foram adequadamente delineados ao apresentarem claramente a sua compreensão sobre resiliência no trabalho, pois essa é uma necessidade metodológica básica para a execução desse tipo de pesquisa (Creswell, 2010). No processo de validação de instrumentos, tal conduta é essencial e

vai ao encontro do que é postulado por Pasquali (2010). Anastasi (1986) complementa que a formulação de definições detalhadas do traço ou constructo que será mensurado é o passo inicial para o processo de validação de um instrumento de medida. Conforme a autora, essas definições são derivadas das teorias psicológicas, de pesquisa anterior ou de observação sistemática e análises do domínio relevante do comportamento.

A ausência de definições constitutivas e/ou operacionais, a ambiguidade e a falta de clareza presentes nas demais publicações podem gerar dúvidas aos leitores e como consequência contribuir para a construção de confusões conceituais e de natureza metodológica. Percebe-se, ainda, que as definições apresentadas nos estudos internacionais não possuem um padrão de referência, como ocorre nos estudos nacionais apresentados anteriormente, nos quais se utiliza a definição apresentada por Barlach et al. (2008), sendo citadas diversas fontes para definir o fenômeno.

Um ponto de compartilhamento presente nas definições apresentadas refere-se ao processamento de informação, à capacidade de adaptação, à flexibilidade e ao alcance do equilíbrio após situações adversas. Esses dados demonstram que, anteriormente às investigações sobre resiliência no trabalho, existiram estudos abordando de forma tangencial tais aspectos, o que corrobora com as evidências apresentadas por Meneghel et al. (2013). As autoras argumentam que alguns enfoques dentro da Psicologia Organizacional e do Trabalho oferecem explicação e fundamentação teórica sobre o tema, como é o caso das concepções sobre aprendizagem organizacional de Schein (1993) e Senge (2006) e da Teoria Ecológica de Holling (1996).

Além disso, evidenciou-se que embora o tema tenha alcançado espaço relevante no meio acadêmico, permanece ainda uma lacuna na literatura no que diz respeito à contextualização e localização teórica do constructo. Esse avanço tímido parece ser devido, em parte, a complexidade do construto e a dificuldade na delimitação de seus contornos conceituais.

Na amostra analisada verificaram-se, ainda, poucas propostas empíricas, que estabelecem relações com outros fenômenos inerentes ao contexto de trabalho. Este é o caso de Luthans, et al. (2007) que relacionam resiliência com performance e satisfação com o trabalho, Carvalho et al. (2011) que investigam a capacidade preditiva da resiliência na socialização organizacional, García & Calvo (2012) que investigam a

capacidade protetiva da resiliência nos casos de *burnout* e Gomide Júnior, et al. (2015) que desenvolveram estudo para verificar a capacidade moderadora da resiliência e do suporte organizacional no bem-estar de trabalhadores. A pouca prevalência de estudos relacionando a resiliência com outros fenômenos que ocorrem no trabalho e nas organizações pode ser compreendida como uma oportunidade para construção de conhecimento novo, por meio de estudos futuros. Tal evidência corrobora com os dados apresentados no estudo de Martins (2015), onde a autora argumenta que embora os estudos sobre resiliência no trabalho tenham aumentado consideravelmente, ainda perdura carência na literatura no que diz respeito a estudos empíricos que relacionem o constructo resiliência com outros fenômenos que ocorrem no mundo do trabalho.

Cabe destacar também que, dentre os estudos analisados, em 5 (cinco) foram elaboradas compreensões sobre resiliência a partir do campo de atuação profissional pesquisado. Nestes estudos foram apresentadas definições de resiliência no trabalho orientadas para trabalhadores específicos, quais sejam: membros do clero (Meek et al., 2003), crianças em situação de trabalho infantil (Libório & Ungar, 2010), docentes (Rowe, Bastos & Pinho, 2011) e enfermeiros (García & Calvo, 2012; Santos & Moreira, 2014). Tais compreensões dão a resiliência o significado geral relacionado à capacidade de superar problemas, à adaptação positiva, à manutenção da qualidade de vida e à promoção de bem-estar no trabalho, independente do tipo de trabalho ou do contexto onde ele é desenvolvido.

Em 8 publicações, 3 nacionais, sendo as de Minello e Scherer (2014), Resende et al. (2010) e Carvalho et al. (2011), e 5 internacionais, Yuen et al. (2014), Ablett e Jones (2007), Fletcher e Sarkar (2012), Burnes, Long e Schept (2012), e Howard (2008), não se identificaram definições constitutivas. Essas definições situam o construto exata e precisamente dentro do seu escopo teórico, caracterizando-o e atribuindo-lhe as dimensões que ele deve assumir no espaço semântico da teoria (Pasquali, 2010). A ausência de definições constitutivas sobre o tema, não desqualifica os estudos realizados por esses autores, mas demonstra que eles podem estar contribuindo para a perpetuação de confusões teóricas sobre o tema. Esses dados atentam para cuidados em estudos futuros, que se amparem em discussões conceituais introdutórias e favoreçam uma melhor compreensão do constructo no meio acadêmico.

Conclusão

Após a análise das publicações sobre resiliência no trabalho em âmbito nacional e internacional, foi possível elaborar três conclusões específicas no que se refere à construção e ao avanço do conhecimento sobre o tema. Primeiro, em geral, as pesquisas compreendem a resiliência no trabalho como um processo de adaptação positiva às adversidades e eventos transformadores positivos encontrados no contexto de trabalho, com o papel central de manter a saúde e promover o bem-estar do trabalhador. Segundo, verifica-se que a resiliência no trabalho se constitui como um constructo de análise recente (datado de Mallak, 1998) e compreendido teoricamente de modo diverso entre os pesquisadores. Mesmo nos estudos que validaram instrumentos de medida para mensurar a resiliência em contextos de trabalho, evidenciaram-se componentes bastante diferentes entre si e por vezes contraditórios, contemplando, por exemplo, a capacidade de autocontrole, a autoestima e a aprendizagem humana como estratégias de construção de resiliência. Por conseguinte, a localização etimológica e científica do constructo constitui aspecto que carece de melhor exploração, como forma de proporcionar maior solidez aos instrumentos de pesquisa e à compreensão do fenômeno. Terceiro, contrariando os estudos iniciais sobre resiliência psicológica, verificou-se que a resiliência no trabalho tem sido compreendida pelos autores como um processo, e não um traço de personalidade, inato e imutável. Essa importante constatação constitui-se como uma superação da dicotomia presente em alguns estudos sobre o tema e vem sendo desconstruída pela abordagem que compreende a resiliência a partir de fatores de risco e de proteção com os quais o indivíduo tem contato, ou seja, contemporaneamente, a resiliência é entendida como um processo construído ao longo da vida, pelas relações do indivíduo com o meio. Nas 25 publicações revisadas, não foram identificadas definições da resiliência no trabalho associadas a traços de personalidade, o que demonstra avanço na literatura sobre o tema e reforça o seu caminho à maturidade conceitual.

A presente revisão permitiu, ainda, verificar que a resiliência auxilia no enfrentamento e na superação das adversidades e oportunidades presentes nos contextos de trabalho, possibilitando com que as pessoas vivenciem tais situações e saiam delas mais fortalecidas. Essa competência constrói-se como importante ao trabalhador do século XXI, tendo em vista as rápidas

e intensas transformações estruturais no contexto do trabalho, especialmente orientadas pelas inovações tecnológicas e globalização nos mais diversos e amplos sentidos. Além disso, contextos econômicos, financeiros e políticos adversos exigem adaptação, flexibilidade e capacidade para lidar com as adversidades, tornando a resiliência no trabalho uma competência central ao alcance de objetivos tanto pelos trabalhadores quanto pelas organizações.

A pesquisa demonstrou que a literatura carece de estudos que descrevam o comportamento resiliente e verifiquem formas de como ele pode ser desenvolvido.

Nesse sentido, sugere-se a realização de estudos que contemplem a história de vida das pessoas, verificando como foram construídos os comportamentos resilientes e como podem ser incentivados e desenvolvidos nos ambientes de trabalho. Um ponto de limitação deste estudo refere-se à abrangência dos estudos internacionais sobre o tema, tendo em vista a demarcação de duas bases de dados internacionais, *Web of Science* (SSCI) e *PsyArticles*, que embora sejam representativas não excedem o contato com toda a literatura internacional. Essa lacuna pode ser preenchida por meio de estudos futuros que utilizem como recorte outras bases de dados.

Referências

- Ablett, J. R., & Jones, R. S. P. (2007). Resilience and well-being in palliative care staff: a qualitative study of hospice nurses' experiences of work. *Psycho-Oncology*, 16, 733-740, doi: 10.1002/pon.1130
- Anastasi, A. (1986). Evolving concepts of test validation. *Annual Review of Psychology*, 37, 1-15.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3(2), 273-294. doi: 10.1590/S1413-294X1998000200006
- Barlach, L., Limongi-França, A. C., & Malvezzi, S. (2008). O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), 101-112, doi: 10.1590/S1413-73722011000400013.
- Belancieri, M. F., Beluci, M. L., Silva, D. V. R. da, & Gasparelo, E. A. (2010). A resiliência em trabalhadores da área da enfermagem. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 227-233, doi: 10.1590/S0103-166X2010000200010.
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist*, 59, 20-28, doi: 10.1037/0003-066X.59.1.20
- Bonanno, G. A. (2005). Clarifying and extending the construct of adult resilience. *American Psychologist*, 60 (3), 265-267, doi: 10.1037/0003-066X.60.3.267
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(49), 263-271, doi: 10.1590/S0103-863X2011000200014
- Burnes, T. R., Long, S. L., & Schept, R. A. R. (2012). Resilience-Based Lens of Sex Work: Implications for Professional Psychologists. *Professional Psychology: Research and Practice*, 43(2), 137-144, doi: 10.1037/a0026205
- Carvalho, V. D., Teodoro, M. L. M., & Borges, L. O. (2014). Escala de Resiliência para Adultos: aplicação entre servidores públicos. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 287-295.
- Carvalho, V. D. de, Borges, L. O., Vikan, A., & Hjemdal, O. (2011). Resiliência e socialização organizacional entre servidores públicos brasileiros e noruegueses. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(5), 815-833, doi:10.1590/S1415-6552011000500003.
- Constantine, N. A., Benard, B., & Diaz, M. (1999). Measuring protective factors and resilience traits in youth: The healthy kids resilience assessment. Paper presented at the *Seventh Annual Meeting of the Society for Prevention Research*, New Orleans, LA.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa – método qualitativo, quantitativo e misto*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Dicionário etimológico. (2015). *Significado de resiliência*. Recuperado 02/11/16 de: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/resiliencia/>
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2012). A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. *Psychology Of Sport And Exercise*, 13(5), 669-678, doi: 10.1016/j.psychsport.2012.04.007.
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience: a review and critique of definitions, concepts, and theory.

- European Psychologist*, 18(1), 12–23, doi: 10.1027/9040/a000124.
- Ganong, L. H. (1987). Integrative reviews of nursing. *Research in Nursing & Health*, 10(1), 1-11, doi: 10.1002/nur.4770100103.
- García, G. M., & Calvo, J. C. A. (2012). Emotional exhaustion of nursing staff: influence of emotional annoyance and resilience. *International Nursing Review*, 59(1), 101-107, doi: 10.1111/j.1466-7657.2011.00927.x.
- Gomide Júnior, S., Silvestrin, L. H. B., & Oliveira, Á. F. (2015). Bem-estar no trabalho: o impacto das satisfações com os suportes organizacionais e o papel mediador da resiliência no trabalho. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 15(1), 19-29, doi: 10.17652/rpot/2015.1.349.
- Holling, C. S. (1996). Engineering resilience versus ecological resilience. In P. C. Schulze (Eds.), *Engineering Within Ecological Constraints* (pp. 31-43). Washington DC: National Academy.
- Howard, F. (2008). Managing stress or enhancing wellbeing? Positive psychology's contributions to clinical supervision. *Australian Psychologist*, 43, 105–113, doi: 10.1080/00050060801978647.
- Libório, R. M. C., & Ungar, M. (2010). Children's labour as a risky pathways to resilience: children's growth in contexts of poor resources. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 232-242, doi: 10.1590/S0102-79722010000200005
- Luthans, F. (2002). The need for and meaning of positive organizational behavior. *Journal of Organizational Behavior*, 23(6), 695-706, doi: 10.1002/job.165
- Luthans, F., Avolio, B. J., Avey, J., & Norman, S. (2007). Positive psychological capital: Measurement and relationship with performance and satisfaction. *Journal of Personnel Psychology*, 60, 541–572, doi: 10.1111/j.1744-6570.2007.00083.x
- Luthans, F., Luthans, K., & Luthans, B. (2004). Positive Psychological capital: Going beyond human and social capital. *Business Horizons*, 47(1), 45-50. 10.1016/j.bushor.2003.11.007.
- Luthans, F., Youssef, C. M., & Avolio, B. J. (2007). *Psychological capital*. New York: Oxford University Press.
- Mallak, L. (1998). Putting organizational resilience to work. *Industrial Management*, 40(6), pp. 8-13.
- Martins, M. C. F. (2015). Resiliência no trabalho. In P. Bendassolli, & J. E. Borges-Andrade (orgs). *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 581-587). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience process in development. *American Psychologist*, 56, 227-239, doi: 10.1037//0003-066X.56.3.227
- Meek, K. R., McMin, M. R., Brower, C. M., Burnett, T. D., McRay, B.W., Ramey, M. L. & Villa, D. D. (2003). Maintaining personal resiliency: lessons learned from evangelical protestant clergy. *Journal of Psychology and Theology*, 31(4), 339-347, doi: 0091-6471/410-730
- Meirelles, R. F., & Machado, R. N. (2007). A funcionalidade e o desempenho do Portal de Periódicos da CAPES entre pesquisadores das áreas de Comunicação e Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 12(3), 54-64, doi: 10.1590/S1413-99362007000300005.
- Meneghel, I., Salanova, M., & Martínez, I. M. (2013). El camino de la Resiliencia Organizacional – Una revisión teórica. *Aloma, Revista de Psicologia, Ciències de l'Educació i de l'Esport*, 31(2). Recuperado: 02/11/16 <http://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/85291/61988.pdf?sequence>
- Mínello, I. F., & Scherer, I. B. (2014). Características resilientes do empreendedor associadas ao insucesso empresarial. *Revista de Ciências da Administração*, 16(38), 228-245, doi: 10.5007/2175-8077.2014v16n38p228.
- Nascentes, A. (1955). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Recuperado: 02/ 11/2016 de: <https://archive.org/stream/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomoI/DicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesa/page/n479/mode/2up>.
- Pasquali, L., & cols. (2010). *Instrumentação Psicológica*. Fundamentos e práticas. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, A. M. S. (2001). Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In J. Tavares (org.), *Resiliência e educação* (pp. 77-94). São Paulo: Cortez.
- Rees, C., Breen, L., Cusack, L. & Hegneyand, D. (2015). Understanding individual resilience in the workplace: the international collaboration of workforce resilience model. *Frontiers in Psychology*, 6(73), doi: 10.3389/fpsyg.2015.00073.

- Resende, M. C. de, Ferreira, A. A., Naves, G. G., Arantes, F. M. S., Roldão, D. F. M., Sousa, K. G., & Abreu, S. A. (2010). Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes de grupo de teatro. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(3), 591-608, doi: 10.1590/S1984-02922010000900010.
- Ribeiro, A. C. A., Mattos, B. M. de, Antonelli, C. S., Canêo, L. C., & Goulart Júnior, E. (2011). Resiliência no trabalho contemporâneo: promoção e/ou desgaste da saúde mental. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 623-633, doi: 10.1590/S1413-73722011000400013.
- Robertson, I. T., Cooper, C. L., Sarkar, M., & Curran, T. (2015). Resilience training in the workplace from 2003 to 2014: A systematic review. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 88, 533-562, doi: 10.1111/joop.12120.
- Rowe, D. E. O., Bastos, A. V. B., & Pinho, A. P. M. (2011). Comprometimento e entrenchamento na carreira: um estudo de suas influências no esforço instrucional do docente do ensino superior. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(6), 973-992, doi: 10.1590/S1415-65552011000600002.
- Santos, R. A. dos, & Moreira, M. C. N. (2014). Resilience and death: the nursing professional in the care of children and adolescents with life-limiting illnesses. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(12), 4869-4878, doi:10.1590/1413-812320141912.18862013.
- Schein, E. H. (1993). On Dialogue, Culture, and Organizational Learning. *Organizational Dynamics*, 22(2), 40-51, doi:10.1016/0090-2616(93)90052-3.
- Senge, P. (2006). *The fifth discipline: the art and practice of the learning organization*. New York: Doubleday.
- Selye, H. (1956). *Stress, a tensão da vida*. Edição original publicada por McGraw – Hill Book Company, Inc.
- Siu, O., Hui, C., Phillips, D., Lin, L., Wong, T., & Shi, K. (2009). A study of resiliency among Chinese health care workers: Capacity to cope with workplace stress. *Journal Of Research In Personality*, 43(5), 770-776.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Sutcliffe, K. M., & Vogus, T. J. (2003). Organizing for resilience. In K. Cameron, J. E. Dutton, & R. E. Quinn (Eds). *Positive Organizational Scholarship* (pp. 94-110). San Francisco: Berrett-Koehler.
- Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. In J. Tavares (org.). *Resiliência e educação* (pp. 43-75). São Paulo: Cortez.
- Torraco, R. J. (2005). Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. *Human Resource Development Review*, 4(3), 356-367.
- Vandenbos, G. R. (org). (2010). *Dicionário de Psicologia*. APA, American Psychological Association. Porto Alegre: Artmed.
- Wald, J., Taylor, S., Asmundson, G. J. G., Jang, K. L., & Stapleton, J. (2006). *Literature review of concepts: Psychological resiliency* (DRDC Toronto CR 2006-073). Toronto, Canadá: Defence Research & Development Canada.
- Wanberg, C. R., & Banas, J. T. (2000). Predictors and Outcomes of Openness to Changes in a Reorganizing Workplace. *Journal Applied of Psychology*, 85(1), 132-142, doi: 10.1037//0021-9010.85.1.13 2.
- Youssef, C. M., & Luthans, F. (2007). Positive Organizational Behavior in the Workplace: The Impact of Hope, Optimism, and Resilience. *Journal of Management*, 33(5), 774-800, doi: 10.1177/0149206307305562.
- Yuen, W. W., Wong, W. C., Holroyd, E., & Tang, C. S. (2014). Resilience in Work-Related Stress Among Female Sex Workers in Hong Kong. *Qualitative Health Research*. 24(9), 1232-1241, doi: 10.1177/1049732314544968.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe), 75-84.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: a noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (org.). *Resiliência e educação* (pp. 13-42). São Paulo: Cortez.
- Zanelli, J. C. (2015). Estresse nas organizações de trabalho. In P. Bendassolli, & J. E. Borges-Andrade (orgs). *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 333-339). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fecha de recepción: 28/11/2016

Fecha de aceptación: 03/07/2017